

Além do círculo

Minha lição de adulta chegou de forma inesperada aos 21 anos

POR FERNANDA LIZARDO

ESTOU DE FÉRIAS na casa dos meus pais. Os dois estão no sofá e eu, como sempre gostei, no chão de pedra geladinho, para amenizar o calor úmido típico dessa época do ano em Barcarena, interior do Pará. A TV está ligada no noticiário, mas as vozes que escutamos são apenas as nossas. As férias de julho de 2002 transcorrem como todas as outras. Colocamos a conversa em dia depois de tanto tempo distantes. Levanto para tomar um copo d'água. Sinto uma dor no ombro. Noto que não é apenas mau jeito. Nunca havia sentido uma dor como aquela antes.

- Estou sentindo algo estranho - digo. - Uma dor diferente, do pescoço até o ombro.

Mamãe percebe que há um inchaço em meu pescoço.

- Vamos ao médico agora - decide ela, levantando-se no mesmo instante.



Em poucos minutos chegamos a um consultório do Hospital São José. Somos atendidas pelo clínico geral de plantão, Dr. Manuel Maués. Depois de fazer algumas perguntas, ele apalpa meu pescoço. Vejo que sua expressão tranqüila desaparece. Ele pede que aguardemos alguns segundos e sai da sala. Volta com outra médica, que também me examina.

- Acho que você tem um aneurisma - diz ela.

ATÉ AÍ, EU ASSOCIAVA a palavra aneurisma à morte. Em 1997, a mãe de um amigo conversava animadamente numa festa e, no instante seguinte, estava no chão. A morte súbita fora causada pela ruptura de uma veia no cérebro, consequência

O angiologista faz uma ultra-sonografia e o exame confirma: há um aneurisma.

de um aneurisma. Jamais ouvira falar de alguém que sobrevivera a esse mal. *Vai ser assim comigo também?*

Os médicos explicam que o aneurisma é um alargamento de um vaso. Geralmente, esse vaso que se dilata não agüenta a pressão e se rompe, causando hemorragia e morte imediata. Pode também se romper e soltar coágulos que vão interferir em algum órgão vital e deixar seqüelas irreversíveis ou levar ao coma.

E a chance de sair ilesa? Existe, mas ninguém pode dizer como será comigo.

Como o diagnóstico ainda não está confirmado, os médicos recomendam que eu vá para casa e fique em repouso.

- Não se preocupe - diz papai. - Os exames vão mostrar que não há aneurisma algum e logo tudo voltará ao normal.

- E se houver um aneurisma - completa mamãe -, faremos uma cirurgia para removê-lo. Vamos enfrentar isso juntos e sair dessa inteiros.

O dia mal começa a clarear e partimos para Belém. Um angiologista faz uma ultra-sonografia de alta definição na área do meu pescoço. O exame confirma: há um aneurisma.

- Não é nada urgente - tranquiliza-nos o médico.
- A cirurgia pode esperar.

Deixamos a clínica para almoçar num *shopping* e depois voltar a Barcarena. Ao entrar no banheiro do *shopping*, vejo que há muito sangue em minha urina. Comento o fato com meus pais, mas, mesmo assim, retornamos para Barcarena. Já em casa, volto ao banheiro. Minha urina está com mais sangue. Meus pais decidem na mesma hora procurar o Dr. Maués. Ele diz que é melhor me internar para me acompanhar o tempo todo - ou pelo menos até que haja condições de me transportar para Belém, onde eu deveria fazer uma tomografia computadorizada.

Depois de três dias, o sangramento pára. Imediatamente sou colocada em uma ambulância. O motorista segue para o Hospital da Benemérita Sociedade Portuguesa Beneficên-

te do Pará, em Belém, onde será feita a cirurgia. Ou as cirurgias; já não sei mais quantas serão.

A tomografia constata que o sangue na urina é apenas consequência de uma pedrinha na bexiga, sem qualquer relação com o aneurisma. Mas, em compensação, este é uma ameaça real: o coágulo que se formou pode se soltar, seguir para o

Fiz muitos planos na minha vida. Ter objetivos é bom para qualquer pessoa.

coração e os pulmões e me render uma embolia pulmonar e uma parada cardiorrespiratória. *Sempre pratiquei esportes, cultivei alimentação saudável, nunca usei qualquer tipo de droga... Como meu coração pode falhar?*

Sou internada às pressas. Apesar de a cirurgia agora ser urgente, não tem data definida. Os médicos ainda estudam meu caso. O aneurisma está na veia jugular externa, no pescoço. Isso facilita bastante o acesso na hora da remoção. O problema é que aneurismas neste local são raros, o que dificulta o prognóstico.

Os dias no hospital são muito parecidos. Horríveis! Desde a infância, fui bastante independente e agora preciso de ajuda para fazer

tudo: até para tomar banho e me alimentar. Passo a maior parte do tempo lendo, fazendo palavras cruzadas ou dormindo.

Fiz muitos planos na minha vida; ter objetivos é sempre bom para qualquer pessoa. Mas acho que meu defeito foi adiá-los para um futuro bem distante. Eu pensava sempre: *Quando fizer 18 anos... Quando*

terminar a faculdade...

Agora percebo ter realizado muito pouco.

Todas as manhãs o padre da capela do hospital vem me visitar no quarto. Nunca fui muito apegada à religião, apenas seguia as tradições festivas do catolicismo. Voltei a rezar,

também influenciada pelo meu pai, que às vezes sai do quarto de fininho em direção à capela do hospital para orar e chorar escondido.

Já estou internada há quatro dias. Sinto dores fortes no pescoço. Meus pais dormem e não quero acordá-los. O cateter enfiado em meu braço incomoda e aquela pedra que tive na bexiga provocou uma cistite que me faz levantar para ir ao banheiro de dois em dois minutos. Não consigo dormir e, nessa agonia, penso na minha mania de dividir as atividades em “cinco minutos”.

Usava essa medida de tempo para todas as atividades: escovar os dentes, tomar banho, vestir a roupa... Era como se vivesse dentro de um círculo. Meu universo não ia além da distância do centro à borda.

Tudo muito regrado, planejado, exato. Agora penso em dois minutos, 30 segundos! É irônico, porque não posso fazer nada além de me locomover entre a cama e o banheiro. Podia fazer tanta coisa mais útil naquelas horas intermináveis! Ou será que deveria ter feito tudo antes e deixei a chance passar?

Seis dias após a internação, os médicos decidem me operar. A cirurgia não transcorre conforme o previsto. O aneurisma está tão grande que não pode ser retirado. Os médicos desconfiam que possa haver uma formação cancerígena e retiram um pedaço do coágulo e da veia jugular para biópsia. Depois, bloqueiam o aneurisma com grampos de titânio, que cortam a circulação, impedindo que o coágulo continue a crescer e, dentro de algum tempo, regrida.

O procedimento, inicialmente previsto para durar 45 minutos, leva cerca de duas horas. Ainda terei de passar mais dois dias internada. No dia seguinte recebo a boa notícia de que a hipótese de ser câncer foi descartada.

Uma semana depois volto ao hospital para tirar os pontos. Não rezo mais para pedir e sim para agradecer pelo que tenho. Fiquei mais imediatista e, principalmente, aprendi que há vida além do círculo. Percebi que talvez estivesse esperando demais para realizar certos sonhos. Às vezes as pessoas me perguntam sobre a cicatriz que tenho no pescoço e, quando conto a história, sempre dizem “Você nasceu de novo”. Eu não acho que tenha nascido de novo. Só parei de “sobreviver” e aprendi a viver de verdade.

ARTE MODERNA

A professora de Connor, meu neto de 4 anos, pediu à turma que pensasse em algo que começasse com a letra M.

Connor escolheu “meias”.

Em seguida, ela pediu às crianças que desenhassem em uma folha de papel aquilo que haviam imaginado.

Assim que Connor terminou e entregou o desenho, a professora lhe perguntou por que ele desenhara um retângulo, uma vez que as meias têm o formato dos pés.

- Eu sei, professora - respondeu Connor -, mas é porque estas meias ainda estão dentro da embalagem.



JACQUELINE SQUIRES, Grã-Bretanha